

A educação no contexto da crise do capital e a alternativa concreta para a transformação social

ARAÚJO, Wanderson Pereira.¹

SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira.²

Resumo:

Este artigo é consequência do debate iniciado na tese de doutorado que discutiu em determinado momento “a educação como elemento de imposição orientada para a autoexpansão do capital à educação como alternativa concreta da transformação social”, vinculado ao Grupo Marx, Trabalho e Educação – GEPMTE da Universidade Federal de Minas Gerais, o qual tenta aprofundar o referencial marxista na leitura da realidade contemporânea, reafirmando o trabalho como categoria central no processo de produção e reprodução sociais. O texto abrange uma compreensão crítica sobre a problemática da formação humana, tendo em conta os desafios que se colocam à organização e à educação dos trabalhadores. Nesse sentido, temos como referencialidade teórica os textos a partir de Karl Marx, Mészáros e Lukcas; pelos quais tomamos como princípio condutor, as possibilidades da emancipação humana.

Palavras-chave: educação, capital, trabalho, transformação social, Marx.

Introdução

O presente artigo vincula-se a uma pesquisa desenvolvida no doutorado em Educação na UFMG, que objetivou analisar de modo mais particular, sob a perspectiva da ontologia do ser social, o lugar da educação profissional e tecnológica na sociedade capitalista contemporânea, entendendo-a como um momento de formação dos trabalhadores engendrado pelo sistema educacional originário das contradições entre capital e trabalho, um complexo que supõe a instrumentalização dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, que se impõe como mecanismo de manutenção e de reprodução do sistema capitalista.

¹ Doutor em Educação pela UFMG. Pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas Marx, Trabalho e Educação (GEPMTE) e Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFNMG.

² Doutor em História e Filosofia da Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da UFMG. Coordenador do GEPMTE - Grupo de Estudos e Pesquisas Marx, Trabalho e Educação.

A reflexão teórica, em concordância com Mészáros, tem como eixo central a educação no quadro da crise estrutural do capital, como resposta a nefasta crise que assola toda a vida planetária. É nesse quadro que, segundo Mészáros devem ser pensadas alternativas concretas para a transformação social, o sentido da nossa luta.

A propósito da educação profissional dos trabalhadores e da perspectiva da transformação social

A contradição entre capital e trabalho é a mesma oposição que divide as classes e todo antagonismo que abarca a reprodução social sob o comando do capital. A existência objetiva e subjetiva da classe que não dispõe de outra coisa se não a sua força de trabalho em troca da sua sobrevivência compõe a classe proletária. Esta classe tem um caráter iminente histórico-social, produzido pela sociedade regida pelo capital. Os trabalhadores na condição de proletários têm a sua existência a partir de uma determinação histórica determinada pela divisão de classes, cujo trabalho encontra-se subordinado ao capital. A categoria educação assume nova forma e novo conteúdo no curso da contradição entre capital e trabalho, postos pelas relações sociais produzidas por essa contradição; daí, criam-se as visões de mundo, projetos antagônicos, ideologias etc. É nesse sentido que Mészáros contesta a função da educação, no sentido da “internalização” dos mecanismos de manutenção e de reprodução do sistema capitalista.

É a partir dessa dinâmica de exploração e de opressões que se coloca a necessidade de um projeto antagônico de interesse da classe proletária, no sentido de superar a exploração do trabalho e da propriedade privada, pela busca da “efetividade humana”, a emancipação humana.

A qualificação, o aperfeiçoamento e/ou a formação profissional (uma educação como forma de adequar os trabalhadores ao mundo do trabalho ou o aperfeiçoamento da força de trabalho especializada conforme a exigência do mercado) de caráter técnica e tecnológica dos trabalhadores pelo sistema educacional, nos dias atuais, tem um papel profundamente contraditório, emergente da contradição entre capital e trabalho. Na sociedade de mercadorias, o que interessa ao capital é a reprodução da ordem social, tendo em vista a melhoria das relações de produção do sistema capitalista, o que faz do trabalho docente, encarregado de tal processo, atividade produtiva para o capital. O trabalhador docente encontra-se submetido aos limites interpostos pelo sistema de produção dominante. Em particular, o sistema de ensino de formação da classe

trabalhadora dispõe de uma ação de “qualificar ou requalificar” um quadro de trabalhadores úteis às novas condições de trabalho, em escala ampliada, ou seja, a reprodução da força de trabalho para um circuito concorrencial. Esse sistema de educação apropriado pelo capital resguarda, com eficácia e destreza, um tipo de doutrinação permanente, no sentido de que todos os indivíduos podem ser o que quiserem na “sociedade democrática”, onde todos são “iguais e livres” – uma noção fetichista da formação dos trabalhadores.

Esse ideal de educação é uma construção da sociedade burguesa sobre as massas, para que reajam conforme os seus interesses. A gravidade dessa reprodução ideológica, leva-se o indivíduo à conformação dos valores da sociedade capitalista como algo lógico e natural (MÉSZÁROS, 2008a). A formação dos trabalhadores foi apropriada e subjulgada pela esfera política e econômica, e aparece como uma mediação reificada sob o capitalismo.

A nosso ver, a formação profissional dos trabalhadores (por meio da educação institucionaliza), sob a égide da política de um Estado pertencente à ordem dominante, é parte integrante de uma educação subordinada ao capital. A essência da formação do trabalhador é usurpada, em função da perpetuação da sociedade capitalista. Por essa razão, esse tipo de formação encontra-se relativamente limitado. Queremos realçar, neste texto, os elementos de uma educação autêntica, como aquela reclamada por Marx, capaz de aguçar a luta de classe, pois os elementos produzidos no interior da educação a serviço do capital aparecem em nossos estudos, em alguma medida, como possibilidades concretas de uma formação da classe trabalhadora (mesmo de forma inconsciente), que potencialmente podem contribuir com a classe trabalhadora, no sentido de colocar os seus indivíduos no controle da produção. Cada vez mais, a formação para o trabalho coloca o indivíduo no interior das relações produtivas, sendo esse um elemento importante na engrenagem e no aumento da produtividade.

O aperfeiçoamento e a apropriação dos conhecimentos envolvidos nos diversos ramos da produção permitem ao trabalhador não ser apenas um apêndice da máquina, mas um o indivíduo que potencialmente controla o processo de produção. Essa educação é uma mediação contraditória, em função da relação capital e trabalho, pois, ao mesmo tempo em que impulsiona a produção de mais-valia, cria os instrumentos de formação das novas gerações com potencial para efetivar uma ação política transformadora – caminha na direção da ampliação da base material, o que pode vir a ser uma possibilidade contributiva para a transição do capitalismo em socialismo. O

problema dessa formação para o trabalho é a ausência da consciência do proletariado acerca da superação do capital, ao passo que a educação do trabalhador se circunscreve no esforço individual de melhorar meramente a força de trabalho para conquistar um lugar no mercado de trabalho.

Esse tipo de educação estaria correspondendo à vontade do capital, de forma material e ideológica, em que a consciência do homem está sendo conduzida à individualização. A educação de modo geral, em particular aquela voltada para os trabalhadores, pressupõe uma formação ideológica que leva o indivíduo à legitimação de um modelo de ser e de viver condizente com a reprodução da sociedade à qual pertence.

Segundo Lukács,

A educação, por mais “primitiva” que seja, por mais rigidamente que esteja presa à tradição, pressupõe um comportamento do indivíduo, no qual já podiam estar disponíveis os primeiros rudimentos para a formação de uma ideologia, visto que, nesse processo, necessariamente são prescritas normas sociais de cunho geral ao indivíduo quanto ao seu comportamento futuro enquanto homem singular e inculcados modelos positivos e negativos de tal comportamento (LUKÁCS, 2013, p. 475).

A educação é formadora do homem ao longo da história. Pressupõe um comportamento do indivíduo em cada momento. Pode-se dizer que a educação, na acepção de Lukács, é um complexo ideológico originário da mediação entre o homem e a natureza.

Na concepção de Mészáros, a moral e a legalidade, no sentido externo dos indivíduos, ou como meio de imposição ou de codificação de normas previamente estabelecidas para o bom funcionamento da sociedade vigente, são a mediação entre as necessidades sociais do homem como membro particular da sociedade. Essa mediação, no sistema capitalista, é a fixação reificada dos indivíduos na estrutura social vigente, conforme a necessidade de sua reprodução; a educação, por exemplo, cumpre uma função moral e legal da sociedade que a determina. Essa contradição torna-se exterior, ao homem, da sua própria realização. Segundo Mészáros, a tarefa histórica na perspectiva da sociedade dos indivíduos reais só pode ser realizada pelo próprio homem, portanto, a moral só vem a desenvolver uma função positiva no ato da luta do homem com a tarefa de sua própria realização. No sentido marxiano, segundo Mészáros, “o órgão da moral como automediação do homem em sua luta pela

autorrealização é a educação” (idem); portanto, realizar o ideal do homem, como necessidade interior dos indivíduos reais, não pode ser tarefa da instituição formalizada, mas do próprio homem.

Desse modo, Mészáros assevera que

[...] a educação é o *único órgão possível* de automediação humana, porque a educação – não num limitado sentido institucional – abarca todas as atividades que podem se tornar uma necessidade interna para o homem, desde as funções humanas mais naturais até as mais sofisticadas funções intelectuais. A educação é uma questão inerentemente pessoal, interna; ninguém pode educar-nos sem nossa própria participação *ativa* no processo. O bom educador é alguém que inspira a autoeducação. Apenas nessa relação pode-se conceber a superação da mera exterioridade na totalidade das atividades vitais do homem – inclusive, não a abolição total, mas a crescente transcendência da legalidade externa. Mas essa superação, devido às condições necessárias a ela, não pode ser concebida simplesmente como um *ponto* estático da história para além do qual começa a “ideia de ouro”, mas somente como um *processo* contínuo, com realizações *qualitativamente* diferentes em suas várias fases (MÉSZÁROS, 2006, p. 172).

Mészáros coloca que a educação é uma mediação entre os homens e as necessidades internas, é uma forma pela qual o homem se reconhece como produto e como negador de uma sociedade alienada; um indivíduo educado é aquele que se opõe de forma prática às tendências efetivas da alienação na sociedade existente. Segundo Mészáros (2006, p. 172): “O que deve ser combatido não é a salvaguarda legal de um certo nível de aquisições no plano moral, mas seu divórcio do homem”. O papel da educação é a expressão da superação da atividade alienada, é a tomada de consciência da positividade, ou seja, é um processo de autoconsciência da necessidade interior.

A educação dos trabalhadores como codificação imposta pelas necessidades externas da sociedade capitalista é fixada como meio subordinado aos fins da economia capitalista de mercado, cujas atividades humanas são meios para os fins alienados do capital.

Marx e Engels, e depois Mészáros, deixam evidentemente claro o papel da educação na perspectiva da construção da emancipação humana. A crítica das mediações capitalistas que negam a “essência humana” (incluindo a formação ideológica, a cultura e todas as instituições criadas pelo sistema) é a negação das necessidades internas dos indivíduos reais (MARX, 2004; MÉSZÁROS, 2006, 2008). A educação, não no sentido da educação institucionalizada, na perspectiva desses autores,

implica uma mediação social importante cujo propósito deveria ser a formação da autoconsciência dos indivíduos, no sentido da luta pela autorrealização.

A crítica radical desses autores à negação dos mecanismos que preservam a perpetuação da miséria humana, em que cada vez mais os “meios de vida” e a própria vida se tornam posse e vida da propriedade privada de forma capitalista, define os contornos de uma autêntica formação do “homem total” ou do “homem plenamente rico e profundo” (MARX, 2004).

Marx já colocava a educação no horizonte da transformação social. No texto escrito por ele em 1866, para o desenvolvimento da *Primeira Internacional dos Trabalhadores*, já ficava evidente os traços de uma educação de interesse da classe trabalhadora. As palavras de Marx expressam claramente o objetivo de levantar um movimento internacional das classes operárias, visando à questão central, a emancipação das classes operárias, através de uma grande combinação internacional de esforços que teriam como grande tarefa transformar a realidade das classes operárias pelas suas próprias mãos.

Marx chamava a atenção para o fato relacionado ao trabalho juvenil e infantil, afirmando ser indispensável a luta contra as tendências violentas do capitalismo, que transformavam os pais em proprietários de escravos, vendedores dos seus próprios filhos, os quais eram forçados a fazerem o jogo do capital, dada as suas necessidades. A partir dessa preocupação, Marx coloca um ponto fundamental:

[...] a parte mais esclarecida da classe operária compreende inteiramente que o futuro da sua classe, e, por conseguinte, da humanidade, depende completamente da formação da geração operária nascente (MARX, 2008, p. 4).

A formação da geração operária para a transformação da realidade não é a mesma formação oferecida aos trabalhadores pela classe dominante³. Marx se refere à tomada de consciência sobre as relações sociais de produção, que assolam a classe operária e que privam o homem da sua autêntica liberdade. Somente por uma formação de natureza oposta à reprodução desse sistema de exploração, com vista a conquistar uma nova ordem social, desprovida de qualquer interferência capitalista, seria possível propiciar a formação plenamente humana.

³ Marx tece várias críticas ao papel da educação burguesa, principalmente ao Estado como educador do trabalhador (*Crítica do Programa de Gotha*, MARX, 2012).

Marx coloca a educação do trabalhador em pauta, dizendo que a formação dos filhos dos operários deveria ter como premissa a “educação social” (antes, advertindo que devemos abolir o trabalho juvenil e infantil como instrumento de produção capitalista). Para a classe burguesa, a educação é instrumento de criar e de recriar os meios de multiplicar o capital; é apenas o adestramento do indivíduo que permite a formação e a multiplicação do capital, o que representa a condição de existência do capital. Essa forma de educação é produto das relações sociais criadas pela burguesia, que interferem e que modificam o caráter essencial da educação, assim como afirmam Marx e Engels (2008), em o *Manifesto do Partido Comunista*. A “educação social” defendida por Marx se refere à educação sem a interferência ou a influência da classe dominante. Marx e Engels apontam que uma das medidas indispensáveis para revolucionar o modo de produção e pôr fim à abolição da propriedade privada seria a “Integração da educação com a produção material”.

Em *O Capital*, como mencionado no Capítulo 4 da tese, mostramos que Marx enfatiza que a revolução industrial transformava definitivamente a forma existente dos ramos de produção, isto é, a indústria moderna revolucionava a base técnica de produção (as funções dos trabalhos e as combinações sociais dos processos de trabalho). Conseqüentemente, a forma de proceder dos indivíduos é transformada, conforme a crescente necessidade de produção social dos meios de vida. Percebe-se que, ao examinar a dinâmica de produção a partir do desenvolvimento da maquinaria, Marx chama a atenção para o aspecto da formação do homem no modo de produção capitalista, em que os trabalhadores são altamente explorados na fase inicial da indústria moderna, como uma forma catastrófica, e cuja capacidade de trabalho do homem é consumida na valorização do capital. Essa transformação altera substantivamente as condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora.

A exploração capitalista passa a exigir uma massa de trabalhadores mais desenvolvida para suprir as necessidades variáveis do trabalho mecanizado. Marx (2013) aponta vários elementos que surgem desse processo “civilizatório” da produção capitalista; dentre eles, Marx (2013) destaca a emergente necessidade de qualificar a classe trabalhadora para que pudesse exercer atividades múltiplas e especializadas; outro elemento importante se refere à ciência da tecnologia. Percebe-se que o autor já apontava a tendência que levaria a classe trabalhadora a ser qualificada de acordo com os interesses predominantemente da reprodução do capital. O desenvolvimento da ciência, bem como a sua aplicação conscientemente planejada e sistematizada pela

classe trabalhadora, certamente seria o aspecto positivo para se levar adiante a luta de classe dentro dessa transformação contraditória. Nesse ponto, o autor diz que a forma capitalista de produção criou a escola dos trabalhadores; o ensino e a instrução são elementos dessa escola.

Poderíamos afirmar, sem nenhuma sombra de dúvida, que esses fatores mencionados por Marx, hoje, se tornaram um sistema do capital mais abrangente, pelo qual se produz um exército de trabalhadores para os mais diversos ramos da produção, e, além disso, se tornaram, ao mesmo tempo, pequenos e grandes laboratórios de produção das condições técnicas de aperfeiçoamento e de incremento do sistema produtivo, reduzindo cada vez mais a demanda humana à correspondente necessidade comercial.

Em *O Capital*, sobre a jornada de trabalho, Marx enfatiza:

Fica desde logo claro que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho, que todo o seu tempo disponível é, por natureza e por lei, tempo de trabalho, a ser empregado no próprio aumento do capital. Não tem qualquer sentido o tempo para e educação, para o desenvolvimento intelectual, para preencher funções sociais, para o convívio social, para o livre exercício das forças físicas e espirituais, [...] (MARX, 2013, p. 306).

A tendência, a partir do nascimento da indústria moderna, foi a transformação de um processo que se “desencadeou desmesurado e violento como uma avalanche” sobre a vida da classe trabalhadora.

Marx (2010), em *Trabalho assalariado e capital*, já mostrava o caráter ineliminável da produção capitalista e da qualificação do trabalhador; este último é um fator que, junto a outros fatores, proporcionaria o aumento constante da “força de produção do trabalho”, ou seja, da produtividade. Enfatiza que “[...] a força de produção do trabalho é, sobretudo, aumentada por meio de uma maior divisão do trabalho, por meio de uma introdução generalizada e de um aperfeiçoamento constante da maquinaria” (MARX, 2010, p. 58). O autor aponta dois fatores fundamentais, divisão técnica do trabalho e aperfeiçoamento da maquinaria, que proporcionam, por um lado, a diminuição do custo de produção, e, por outro, a lucratividade sobre o trabalho. Quanto mais gigantesco o número de trabalhadores disponíveis, entre os quais o trabalho se divide, mais se introduz a maquinaria em escala ampliada. Em síntese, o capitalista, para se manter com o status de capitalista, em uma guerra concorrencial no mercado, utiliza-se, como meio, da “aplicação e aperfeiçoamento de novas máquinas, graças à

exploração mais vantajosa e maciça das forças da natureza” (ibidem, p. 58), para criar uma forma maior de produtos, de mercadorias, do que os seus concorrentes. Portanto, quanto mais cresce a divisão do trabalho e a aplicação e o aperfeiçoamento da ciência da maquinaria, mais cresce o capital produtivo.

Marx, ao explicar como se dão as relações sociais de produção organizadas pelo capitalismo (a crítica à teoria do valor), nos mostra os mecanismos desenvolvidos pela sociedade burguesa que intensificam a exploração dos trabalhadores: a relação capital-trabalho. Uma relação de dominação da classe trabalhadora que abrange toda a formação do indivíduo no sentido amplo, a educação do proletariado; ou seja, os mecanismos de formação dos indivíduos (sejam eles por meio de ensino formal ou não) são criados pelo sistema capitalista sob a presunção da dominação burguesa, que impede o indivíduo de se desenvolver plenamente, pois as amarras produzidas por esse sistema não permitem “a abolição do trabalho assalariado”. O trabalho assalariado é a forma ou meio essencial de se assegurar a apropriação da riqueza produzida pelo trabalhador, é a exploração do trabalho, em favor da manutenção da propriedade privada.

A crítica que Marx e Engels fazem à “formação profissional” como fator embrionário do modo de produção capitalista é exatamente o fato de o trabalhador ser recrutado ou aperfeiçoado para a reprodução do sistema capitalista. As análises dos autores estão voltadas radicalmente para o combate da essência encoberta pelos valores e pelas ideologias produzidas pela classe dominante burguesa, e visam à abolição radical de toda essa dominação. A teoria social de Marx trata-se do combate aos mecanismos criados pelo mundo do capital, que retroage o desenvolvimento pleno do homem e que o escraviza.

Na introdução escrita por Engels para a edição do texto de Marx *Trabalho assalariado e capital*, em 1891, há uma expressão concisa sobre a compreensão de Marx que parte fundamentalmente do valor da força de trabalho, observando que essa na sociedade capitalista aparece como uma mercadoria que, em sua visão, é especial. Explicita Engels:

Com efeito, ela tem a propriedade especial de ser uma força criadora de valor, uma fonte de mais valor do que ela própria possui. No estado atual da produção, a força de trabalho humana não produz só, num dia, um valor maior do que ela própria possui e custa; a cada nova descoberta científica, a cada nova invenção técnica, esse excedente do seu produto diário sobe acima dos seus custos diários; reduz-se,

portanto, aquela parte do dia de trabalho em que o operário retira do seu trabalho o equivalente ao seu salário diário e alonga-se, portanto, por outro lado, aquela parte do dia de trabalho em que ele tem de *oferecer* o seu trabalho ao capitalista sem ser pago por isso (ENGELS, 2010, p. 28-29).

Quando analisamos a natureza do trabalho docente nas escolas profissionais e tecnológicas, constatamos que a força de trabalho do professor apresenta-se como propriedade especial capaz de incorporar valor. Os resultados da atividade docente nos permitem frisar que as reproduções da força de trabalho qualificadas, bem como a aplicação tecnológica da ciência, constituem uma fonte de mais valor. Tais elementos fazem parte de uma determinada constituição econômica da nossa atual sociedade, em que valor produzido pela força do trabalho docente é apropriado pelo capitalismo e posto a serviço da reprodução do capital.

Pode-se afirmar que o trabalho docente na instituição formal de ensino profissional e tecnológico está a serviço do sistema de produção capitalista, obviamente, em uma complexa e contraditória relação social de reprodução subjetiva dos indivíduos. Como observa Mészáros (2006, p. 263), em sua obra *A teoria da alienação em Marx*, “a ‘educação formal’ não é mais do que um pequeno segmento dele [do sistema de produção capitalista]”. Isto implica em dois complexos apontados por Mészáros: o primeiro está associado à reprodução das atividades produtivas. O segundo está ligado ao processo de produção e de reprodução da estrutura de valores sob as perspectivas gerais da sociedade capitalista. Sobretudo, o trabalho docente, em nossa análise, está inserido no processo de reprodução do capital, em uma acepção particular, é meio de transferir ou de produzir um valor maior do que o valor da sua força de trabalho; portanto, o que ele produz é um excedente de “produtos”, tanto o pessoal especializado para o mercado quanto as condições materiais de produção.

Segundo Mészáros (2008b), a “crise estrutural genuína da totalidade do nosso sistema de reprodução social” atinge de forma drástica toda a vida planetária. O desemprego crônico, a intensificação e a exploração do trabalho agonizam cada vez mais os indivíduos. Segundo ele, a educação reflete a necessidade de melhoria do sistema capitalista; portanto, limitar a educação aos princípios reprodutivos do sistema capitalista significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação autêntica.

Sendo a educação uma categoria histórica responsável pela reprodução dos indivíduos, é também “responsável pela produção e reprodução da estrutura de *valores*

no interior da qual os indivíduos definem seus próprios objetivos e fins específicos” (idem, 2006, p. 263), de acordo com cada estágio da formação social, entre as dimensões da educação, como prática utilitarista do sistema de produção capitalista e como práxis transformadora do homem e do seu mundo.

Na elaboração teórica de Mészáros (2008a), no sentido mais abrangente do termo, a educação desempenha um papel importante para os primeiros passos da transformação social. No mesmo sentido, o autor defende que a tarefa histórica que os indivíduos têm de enfrentar contra o capitalismo envolve “a mudança qualitativa das condições objetivas de reprodução da sociedade” (ibidem, p. 65), “a transformação progressiva da consciência em resposta às condições necessariamente cambiantes”. Mészáros aponta que a educação tem um papel soberano no processo de transformação social, qual seja, na “elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente” (idem).

Mészáros (2008a) nos indica o lugar da educação no processo da transformação social. Isto é, a alternativa concreta de uma “sociedade de produtores livremente associados” só é possível com a “efetiva transcendência da autoalienação do trabalho” – esta, segundo o autor, é caracterizada como uma tarefa inevitavelmente educacional. A tese de Mészáros é o combate à reprodução metabólica social do capital e às suas funções controladoras, fato deveras desumanizante e esmagador da humanidade. Nesse sistema político e socioeconômico, a maioria dos indivíduos é subordinada à execução de tarefas subalternas; não só o trabalho é controlado e subordinado à lógica do capital, mas também a educação foi mantida num compartimento separado do trabalho, “sob o domínio da personificação do capital em nossa época” (idem).

Segundo Mészáros:

Na concepção de educação há muito dominante, os governantes e os governados, assim como os educacionalmente privilegiados (sejam esses indivíduos empregados como educadores ou como administradores no controle das instituições educacionais) e aqueles que têm de ser educados, aparecem em compartimentos separados, quase estanques. (MÉSZÁROS, 2008a, p. 69).

Mészáros adverte que essa concepção de educação tem um caráter alienante, pois está sob o domínio do sistema do capital. Segundo esse autor, é necessário e urgente, “se quisermos garantir as condições elementares da sobrevivência humana [...],

contrapor aos irreconciliáveis antagonismos estruturais do sistema do capital uma alternativa concreta sustentável para a regulação da reprodução metabólica social” (ibidem, p. 71-72). Em particular, tratando-se da educação profissional, a educação do trabalhador é necessariamente interposta, conforme os requisitos educacionais e intelectuais exigidos pelas empresas capitalistas, para que possam aumentar a acumulação lucrativa do capital. A educação dos trabalhadores, no sentido restrito, aparece subordinada a imperativos fetichistas do sistema do capital.

Mészáros propõe uma “alternativa concreta” a toda forma de subordinação do capital, uma “educação para além do capital”, que visa a uma ordem social qualitativamente diferente, que

[...] equivale ao *controle consciente* do processo de reprodução metabólica social por parte de produtores livremente associados, em contraste com a insustentável e estruturalmente estabelecida característica de adversários e a destrutibilidade fundamental da ordem reprodutiva do capital (MÉSZÁROS, 2008a, p. 72).

A concepção de educação de Mészáros afasta-se radicalmente das concepções de educação dominantes subordinadas ao sistema capitalista. A alternativa apontada por Mészáros se articula com os princípios orientadores do processo de transição socialista. Essa alternativa, na expressão do autor, “só poder ser a *automediação*, na sua inseparabilidade do *autocontrole* e da *autorrealização através da liberdade substantiva e da igualdade*, numa ordem social reprodutiva conscienciosamente regulada pelos indivíduos associados” (ibidem, p.72-73).

A educação para além do capital, na concepção de Mészáros,

[...], é verdadeiramente uma *educação continuada*. Não pode ser ‘vocacional’ (o que em nossas sociedades significa o confinamento das pessoas envolvidas a funções utilitarista estreitamente predeterminadas, privadas de qualquer poder decisório), tampouco ‘geral’ (que deve ensinar aos indivíduos, de forma paternalista, as ‘habilidades do pensamento’). Essas noções são arrogantes presunções de uma concepção baseada numa totalmente insustentável separação das dimensões práticas e estratégicas. Portanto, a ‘educação continuada’ como constituinte necessário dos princípios reguladores de uma sociedade para além do capital, é inseparável da prática significativa da *autogestão*. (MÉSZÁROS, 2008, p. 75).

Para Mészáros, frente ao dilema histórico da “crise estrutural do sistema do capital global”, também é “uma época histórica de *transição* de uma ordem social existente para outra, qualitativamente diferente”. O autor nos alerta que essas “são duas

características fundamentais que definem o espaço histórico e social dentro do qual os grandes desafios para romper a lógica do capital; ao mesmo tempo, também para elaborar planos estratégicos para uma educação que vá além do capital, devem se juntar” (ibidem, p. 76). Nesse sentido, a tarefa educacional apontada por Mészáros é, simultaneamente, “a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora”. Segundo ele:

A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo, [...]. E vice-versa; a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada adequadamente e redefinida constantemente no seu inter-relacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades da transformação social emancipadora e progressiva em curso. Ou ambas têm êxito e se sustentam, ou fracassam juntas. Cabe a nós todos - todos, porque sabemos muito bem que ‘os educadores também têm de ser educados’ – mantê-las de pé, e não deixá-las cair (MÉSZÁROS, 2008, p. 76-77).

A concepção de educação em Mészáros está alinhada à tarefa de assegurar uma transformação socialista plenamente sustentável. A concepção de educação requerida pelo autor não é aquela vista ou compreendida como “um período limitado da vida dos indivíduos”, mas como o desenvolvimento contínuo da consciência socialista na sociedade como um todo. O pensamento desse autor sobre a educação como formação contínua e inseparável da prática da autogestão dos indivíduos abrevia um afastamento completo e radical das práticas educacionais dominantes sob o capitalismo avançado.

Considerações finais

O sistema produtivo vem sofrendo profundas alterações, do lado dos interesses do capital, a incorporação da ciência e da tecnologia à produção tem como resultado a economia de trabalho, introdução de novas sistemáticas de trabalho; do lado do trabalhador, temos o desemprego crônico, a desvalorização e degradação da força humana de trabalho e a exigência da denominada “requalificação” dos trabalhadores, com o propósito de adaptar aqueles que são necessários à nova forma de produção. Nesse sentido, a formação dos trabalhadores, sob o domínio do capital, tem se apresentado como finalidade derivada de estratégias políticas de assegurar a continuidade do processo de aperfeiçoamento das forças de trabalho dentro da lógica da acumulação crescente do capital. Nos ditames do capital, a formação profissional só

vale enquanto lugar de um tipo de saber, para uma formação de personalidades humanas alienadas ao modo de produção capitalista, diretamente ligada as necessidades mercantis.

O que se verifica no pleito da Educação Profissional dos trabalhadores no Brasil, no contexto sociopolítico do atual momento, é a intensificação das condições, sobre a classe trabalhadora, de um sistema de exploração do trabalho, sob a prescrição ideológica da “interiorização” da aceitação passiva. Em outras palavras, a educação dos trabalhadores, no âmbito da formação profissional, técnica e tecnológica, se subordinam cada vez mais à dinâmica da reprodução do capital. Este é o contexto no qual examinamos o caráter do trabalho docente.

Diante dessa realidade, reafirmar a perspectiva marxista da educação e, a partir desta, exercer, nos limites da pesquisa educacional, o combate ideológico e anticapitalista, constitui-se o horizonte maior da investigação aqui referida, no contexto da qual, examina-se criticamente os pressupostos básicos e a tarefa histórica fundamental para a efetiva transformação social.